

O JORNAL A RAZÃO: O VENTRE FECUNDO QUE CRIOU O MODELO DE TOTALITARISMO INTEGRALISTA

Rodrigo Santos de Oliveira*

Resumo: No presente texto discutiremos as origens Ação Integralista Brasileira (AIB) a partir do jornal *A Razão* e como ele foi o instrumento ideológico utilizado por Plínio Salgado para organizar posteriormente a AIB. Também analisaremos a gestação de alguns dos principais pontos do discurso integralista a partir da coluna editorial *Nota Política* mantida por Plínio Salgado. Assim refletiremos sobre a oposição ao liberalismo, comunismo, capitalismo internacional. Também abordaremos a questão do nacionalismo e da simpatia aos modelos fascistas europeus. A partir desses dois pólos entre ideologias consideradas inimigas e aliadas Salgado passa a construir uma identidade política que seria o alicerce do integralismo brasileiro na década de 1930.

Palavras chave: A Razão, Plínio Salgado, Ação Integralista Brasileira, Integralismo

Abstract: In the present text we will discuss the origins of the Ação Integralista Brasileira (AIB) from the newspaper *A Razão* and how it was the ideological instrument used by Plínio Salgado to organize later AIB. We will also analyze the gestation of some of the main points of Integralist

* Professor Adjunto dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: oliv.rod@hotmail.com

discourse from the Editorial column *Nota Política* maintained by Plínio Salgado. So we will reflect on the opposition to liberalism, communism, international capitalism. We will also address the issue of nationalism and sympathy for European fascist models. From these two poles between ideologies considered enemy and allied Salgado begins to build a political identity that would be the foundation of Brazilian integralism in the 1930s.

Keywords: A Razão, Plínio Salgado, Ação Integralista Brasileira, Integralism

O jornal *A Razão* e a sua importância para o surgimento do integralismo

O jornal foi fundado por Alfredo Egídio de Souza Aranha, amigo de longa data de Plínio Salgado e antigo patrão.¹ Como aponta Hélio Trindade (TRINDADE, 1974, p. 88), Aranha já havia financiado a viagem de Salgado à Europa em 1930, como preceptor de seu filho. Nas palavras do próprio Salgado:

Foi em 1931 que apareceu *A Razão*, jornal nacionalista, fundado pelo meu amigo Alfredo Egídio de Souza Aranha, que me convidou para redigi-lo com San Tiago Dantas, Mário Graciotti, Nuto Sant'Anna, Gabriel de Barros e José Maria Machado. (SALGADO, 1935, p. 22)

As principais “cabeças” do jornal eram os redatores Salgado e San Tiago Dantas. Sendo que o primeiro ficava responsável pela principal coluna do periódico, chamada *Nota Política*, que ficava sempre na terceira página e tinha uma função de editorial², embora não recebesse tal

¹ Quando Salgado se demitiu do *Correio Paulistano* na década de 1920, foi empregado no escritório de advocacia de Alfredo Aranha, que também era um grande empresário paulista.

² Por “editorial” utilizamos o verbete de BAHIA (1967, p. 160-161). “Parente literário do ensaio, o editorial é no jornal, no rádio e na televisão a palavra do

denominação. “Escrevi trezentos artigos doutrinários, até o dia em que o jornal foi destruído e incendiado [...]. Nunca assinei esses escritos, pois meu desejo era que as idéias valessem por si mesmas, conservando-se o autor na mais completa obscuridade”. (SALGADO, 1935, p. 22-23)

O jornal *A Razão* não chegou a ter um ano de existência, mas o seu papel foi fundamental para Plínio Salgado através da coluna “Nota Política”, estabelecer as bases ideológicas da futura AIB.

Desde o primeiro texto, sob o título de “Erros de hoje, perigos de amanhã”, Salgado esclarece qual é a função da sua coluna:

No Brasil, não há ainda um sentimento coletivo de interesse nacional. Cumpre-nos, ao iniciar a discussão dos problemas que este momento nos suscita, declarar, como base de nossa orientação segura, que – não há interesses estaduais, diante dos supremos interesses nacionais.

Colocando-nos neste ponto de vista de nacionalismo integral, é que iniciamos a nossa ação jornalística neste trepidante momento da vida brasileira.

Nesta nota diária, iremos traçar a linha de um pensamento político, procurando marcar os rumos que nos parecem mais acertados às nossas condições e necessidades.³

Nesses textos, publicados no seu espaço diário, podemos notar que ele constrói a base ideológica da futura AIB. Vários pontos básicos são explorados, como a sua

editor, a opinião do veículo. Antigamente esta opinião de artigo-de-fundo ou comentário. Artigo-de-fundo ou comentário, era o ponto de vista do editor, a versão do proprietário, o pensamento do jornal. [...] O editorial é, a um só tempo, uma notícia informativa e opinativa. É ainda a notícia interpretativa, se o objetivo é dar à opinião a segurança e o cunho de persuasão. Assim, pode-se compreender o editorial como a notícia mais qualificada do jornal, ou pelo menos aquela que fere frontalmente o foro íntimo do veículo e tem irrecorrigivelmente uma mensagem a transmitir ao leitor”.

³ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3. Hégio Trindade também cita esse trecho ao analisar o jornal. Ver TRINDADE, 1974, p. 89.

aversão ao liberalismo e ao pluripartidarismo, sua oposição aos regionalismos e a defesa de um nacionalismo e centralismo, sua simpatia por regimes fortes e ditatoriais convergentes em sua simpatia pelo fascismo, seu ódio ao comunismo, sua religiosidade, etc. Pontos que discutiremos mais adiante.

Agora, objetivamente, vamos trabalhar com a noção de imprensa presente nos textos de Plínio Salgado. Em alguns textos da “Nota Política” ele se dedica a analisar o que deve e o que não deve ser a imprensa e o papel dos jornalistas na sociedade brasileira da época.

Dentro da visão antiliberal do futuro líder integralista, a imprensa, enquanto “produto”, era fruto do pensamento que apenas visaria ao lucro imediato. Além disto, a informação como mercadoria do sistema liberal, seria um objeto vendido de acordo com os interesses publicitários e financeiros.

A publicidade, base do lucro, passou a ir ampliando seu raio de ação, interessando o comércio e a indústria, abrangendo as classes, captando os partidos políticos e, finalmente, os governos.

E os grandes clientes da “publicidade”, por sua vez, começaram a influir na feição da própria mercadoria. O jornal passou a ser, conseqüentemente, situado, entre as exigências dos consumidores, os interesses de publicidade, e os próprios interesses do seu aperfeiçoamento.⁴

Este fenômeno também estaria acontecendo no Brasil, com a substituição dos antigos jornais por um novo tipo. Estaria assim, perdendo o seu caráter doutrinário em detrimento do lucro fácil, que seria o objeto de desejo dos liberais.

No Brasil de tempos para cá, é que estamos vendo surgirem os jornais do padrão de Emile Girardin. Mesmo a velha imprensa se vai adaptando às exigências do progresso. As nossas folhas

⁴ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3.

precisam explorar a matéria-prima “fato”. Precisam criar meios de interessar a apatia do mercado consumidor. E, como nem sempre a publicidade se desenvolve de sorte a oferecer fabulosos lucros, e sendo o jornal “uma indústria”, com finalidade de “indústria”, eles precisam buscar em outras fontes, que lhes alteram a opinião e a fisionomia, os elementos de vida próspera.

Perde, desse modo, a imprensa brasileira, o seu caráter doutrinário, a sua função de orientar a opinião pública segundo determinados princípios. E, não havendo aqui possibilidades comerciais que se oferecem aos jornais de finalidade meramente industrial, em outros países, muitos jornais vivem aqui a vida precária das subvenções de partidos, dos estímulos de governos, das propinas e das grandes companhias e sindicatos estrangeiros, realizando o grande sonho de Girardin, apenas a face mais dolorosa.⁵

Nota-se aqui a crítica pesada ao liberalismo, de transformar qualquer produção em indústria e qualquer atividade em lucro. “Lucro *versus* doutrina”, esta pode ser considerada uma das principais bases da oposição de Salgado aos jornais tidos por ele de “liberais”, que seriam sempre vinculados aos interesses econômicos e financeiros de determinados grupos, muitas vezes a serviço do capital estrangeiro. Tal visão “liberal” era tida como o oposto daquilo que deveria ser uma imprensa “sadia”, tendo por objetivo primordial guiar a população brasileira no caminho da construção de um nacionalismo.

No Brasil, diferente dos países desenvolvidos, não haveria condições para uma imprensa nos moldes liberais, pois em tais estados a população já teria condições de separar o “joio do trigo”, enquanto a brasileira ainda não.

Nos países politicamente organizados, como os Estados Unidos, a Inglaterra e França, justifica-se até certo ponto, a “grande imprensa de informação”, a mercadoria consumida

⁵ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3.

num relâmpago. A opinião lá está coordenada em partidos políticos de programa definidos. Para a educação da parte mais estudiosa, existem revistas especializadas, que discutem todos os problemas. Os livros circulam com grande facilidade. Há institutos de educação, de cultura. Realizam-se freqüentemente cursos, conferências. As assembléias dos partidos são caracterizados pela discussão de idéias. Os parlamentos agitam questões de interesse nacional. Tudo está definido. Todos conhecem as suas posições, nos partidos, nas correntes de idéias.

No Brasil não temos nada disso. Os partidos não orientam, os intelectuais se afastam do contato com o vulgo. Os livros circulam com dificuldade pela falta de organização editorial, pela dificuldade dos meios de transporte e as revistas mesmo vivem uma vida de sacrifício.

Fazer do jornal uma indústria num país como esse é um erro das piores conseqüências para a Nação. Quando não há partidos que orientem a massa popular, é a imprensa que cabe orientar.⁶

Podemos observar neste texto de Salgado algumas características que estarão presentes na futura Ação Integralista Brasileira: um partido de organização nacional, voltado à doutrinação da população em um “norte” nacionalista, utilizando assim uma organização de imprensa ideológica, além de toda uma produção teórica de obras para a construção de um *corpus* político e social. Ou seja, o que veremos mais tarde no movimento integralista é um projeto que já estava cristalizado em Salgado no jornal *A Razão*.

Desta forma, podemos notar que, para o autor, a população brasileira não estava preparada para a imprensa informativa. Se analisarmos em conjunto com outro texto publicado por ele na “Nota Política”, percebemos qual era a sua visão sobre a sociedade brasileira. Seria um “povo criança” incapaz de pensar por si mesmo e que deveria ser guiado por órgãos de formação. Nota-se a sua visão pessimista em

⁶ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3.

contraponto com o seu nacionalismo exacerbado.

Logicamente, esta condução caberia à imprensa “sadia”. Aquela que levaria o país à glória. No entanto, embora a sociedade brasileira não estivesse preparada para a imprensa liberal, de acordo com a visão de Salgado, pela incapacidade do povo, era o modo como estava sendo organizado o jornalismo brasileiro. Entretanto, deveria haver uma reformulação, a criação de uma nova imprensa, que “cumprisse” o verdadeiro papel social.

Sendo assim, propõe como forma de atuação da imprensa no Brasil um modo alternativo de “quarto poder”, que não levasse em consideração a opinião pública, muito menos vigiasse a atuação dos poderes de governo, mas que dirigisse as mentes da população e a partir daí controlasse o próprio Estado. Assim, acredita que a imprensa no Brasil tinha de seguir os moldes de uma imprensa formativa, diferente da liberal: “precisamos ver surgir no Brasil numerosos órgãos de doutrina. Do tipo ‘*L’action Française*’, do ‘*Il Popolo d’Italia*’, da fase de organização do fascismo”.⁷ Ou seja, uma imprensa doutrinária, cujo objetivo não seria o lucro e sim a doutrinação da população em uma série de valores sociais, políticos, culturais e econômicos, embasados em uma doutrina nacionalista.

Pois em todos os países – e basta citar a Itália e a França, de onde conhecemos admiráveis mensários ou semanários de alta cultura – em que a revista desempenha um papel notável junto às classes intelectuais, vivem órgãos de imprensa, destinados ao grande público, que encaminham todas as questões para um plano elevado.

E essa deve ser a missão da imprensa. A de educadora das massas. A de fixadora de direções.

Cumpra à imprensa no Brasil assumir uma atitude a altura do nosso momento histórico.⁸

⁷ Erros de hoje, perigos de amanhã. In: *A Razão*: São Paulo, 5/6/1931, p. 3.

⁸ A imprensa no Brasil. In: *A Razão*: São Paulo, 19/9/1931, p. 3.

Para Plínio Salgado, a imprensa seria a responsável pela construção de uma concepção nacional e identidade nacionalista, através da formação da população e do controle, por meio deste jornalismo, da opinião pública. Em resumo, a imprensa teria um duplo papel, teorizar a ideologia, e, a partir daí, doutrinar a população. Como aponta o próprio Salgado: “É à imprensa que compete teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-lo às claras definições e às atitudes nítidas e fortes”.⁹

Dentro de tal lógica, o jornal *A Razão* será o instrumento político que lhe permitirá conceber uma ideologia nos moldes fascistas e através dela arregimentar seguidores. É deste jornal que surgirá o primeiro movimento de massas organizado nacionalmente no Brasil. E pelo discurso presente na coluna de Plínio Salgado, podemos chegar à conclusão de que este era o seu objetivo, ao assumir o papel de liderança dentro do periódico (mesmo que ele não fosse, objetivamente, o dono do jornal).

Tal experiência é fundamental, pois a imprensa, dentro do movimento, tornar-se-á um dos principais pilares para a difusão da ideologia integralista. Para tanto, avultamos: dentro de toda a estrutura interna do movimento, a imprensa será um dos principais mecanismos de cooptação social e também de propaganda política, como também a sua importância vai se fazer presente na concepção política da AIB, através do atrelamento entre Estado e Imprensa, que se incorpora com o passar do tempo na ideologia, o que discutiremos mais adiante.

No momento, porém, precisamos esclarecer a importância que a imprensa possui para Plínio Salgado, e que será fundamental para a organização da AIB e da rede de jornais criada através dela, seguindo os moldes do jornal *A Razão*.

⁹ A imprensa no Brasil. In: *A Razão*: São Paulo, 19/9/1931, p. 3.

Abaixo discutiremos alguns elementos presentes na coluna “Nota Política” de Plínio Salgado e que se farão presentes na futura AIB.

Nota Política: uma coluna nacionalista

Ao analisarmos os textos publicados por Salgado na “Nota Política” podemos perceber como grande objetivo a criação de um novo modelo político, ou, até mesmo, fixar as bases para uma nova ideologia. Ao longo desses textos, podemos notar como Salgado começa a dar forma ao que viria a ser a futura AIB, pelo menos do ponto de vista ideológico, além da delimitação daquilo que deveria ser um Estado, que mais tarde se cristalizará na noção de “Estado Integral”. Também podemos observar, neste momento os pontos básicos do integralismo que são gestados: o nacionalismo (que já estava presente no pensamento “salgadiano” nos anos 1920 e permeia toda a sua produção), o antiliberalismo, o anticomunismo, o anticapitalismo, a simpatia pelo fascismo e a opção pelo sistema corporativo, críticas à Revolução de 1930, etc.

Em sua coluna diária, estabelece o embrião do integralismo. Entretanto, devemos levar em consideração que nos textos não encontramos o autor organizando pontos em um pensamento único, coerente e pontualmente delineado. Contudo, podemos notar vários elementos trabalhados por ele na coluna, já estando num estágio muito semelhante ao que vai constar posteriormente no *Manifesto de Outubro*. Assim, podemos asseverar que Plínio Salgado vai construir o integralismo dentro de sua leitura sobre o quadro político nacional apresentada à sociedade na “Nota Política”. Dentro da coluna editorial, verificamos como vão surgindo os pontos básicos da doutrina. Abaixo analisaremos alguns deles, através de exemplos retirados da “Nota Política”.

O antiliberalismo

Uma análise da coluna “Nota Política” nos remete a dois grandes inimigos da sociedade brasileira, de acordo com Plínio Salgado. O primeiro e mais imediato seria o liberalismo, que estaria arraigado na sociedade desde antes da República, e teria o seu ápice na “era das oligarquias” (1889-1930). O segundo seria o comunismo, uma ameaça que era tida como iminente, mas que atingiria o Brasil a médio e longo prazo. “Diante desse quadro geral do Brasil, quadro doloroso, assistimos a Nação desarmada daquilo que seria a sua maior força (o sentimento nacionalista) e sob a ameaça dos dois imperialismos: o de Moscou e o de Nova Iorque”.¹⁰

O liberalismo, ou a liberal democracia, nesta fase de maturação ideológica pré-AIB, representa tudo aquilo que Salgado mais execrava e também o que considerava a causa da ruína do povo brasileiro. Para ele, o Estado liberal colocava sempre os interesses de pequenos grupos dominantes acima dos nacionais, opondo-se assim a uma idéia de conjunto, de nacionalidade, porque o coletivo nacional jamais estaria em primeiro plano no liberalismo.

Essas classes, justamente por serem lideradas pelos comerciantes e industriais (entre os quais podemos incluir os fazendeiros que moram nas cidades) não podem ter, dada a natureza das suas atividades, um sentimento de Pátria. A sua preocupação tem um caráter de individualismo que internacionaliza todos os sentimentos. O sentimento do comércio é internacionalista. E ainda quando haja atitudes isoladas que pareçam contradizer essa regra, é preciso considerá-las como expressões de impulsos que não vieram precisamente do “espírito comercial”.¹¹

¹⁰ O pavoroso diagnóstico. In: *A Razão*: São Paulo, 12/7/1931, p. 3.

¹¹ O pavoroso diagnóstico. In: *A Razão*: São Paulo, 12/7/1931, p. 3.

Seria calcada no individualismo, ou seja, nos interesses de grupos em oposição a um conceito de nação. “E portanto um regime de dissolução política (e portanto, de liberdade como ideal) e não de concentração política (e de deficiência como ideal) como é o sistema das massas, do povo, como entidade coletiva, como classe popular propriamente dita”.¹² Este individualismo levaria a um processo de “oligarquização” da sociedade dentro de um Estado liberal democrata. A democracia liberal, na visão de Salgado, seria um governo de minorias, contudo, minorias incapazes de serem os líderes de uma nação. Essa minoria oligárquica controlaria o Estado liberal, baseando sua ação pelo lucro, e assim, levaria a uma dissolução moral dos costumes sociais da população. Representaria um duplo perigo, o de colocar os interesses individuais acima dos coletivos e também a uma desestruturação da base moral da sociedade. Desta forma, levaria a uma paulatina perda de identidade nacional por parte da população.

Essa lei da maioria numérica ocasional desligada de toda a finalidade moral (como seria uma organização cristã), ou social (como seria uma organização marxista) – esse anti-finalismo político da burguesia, além de converter a democracia sonhada numa oligarquia real, introduz na sociedade o germe da dissociação perigoso: o amoralismo político e jurídico. As constituições políticas passam a ser simples reflexos de uma soberania popular desligada de todo dever moral e simplesmente guiada por caprichos da vontade ou pelo utilitarismo das circunstâncias. E por sua vez o direito, base de todas as relações de justiça entre os indivíduos na sociedade, passa apenas a ser um reflexo de costumes e dos tempos, e sobretudo, da ordem econômica, sem nenhuma referência às normas morais inflexíveis a que se deve submeter.¹³

¹² Oligarquismo político. In: *A Razão*: São Paulo, 19/12/1931, p. 3.

¹³ Oligarquismo político. In: *A Razão*: São Paulo, 19/12/1931, p. 3.

O Estado liberal democrático, embasado nesses preceitos individualistas, comandados por uma minoria, seria o entrave para a criação de um “Brasil Integral”. Para Salgado, “a marcha do liberalismo democrático é a expansão máxima do individualismo, conseqüentemente o caminho inevitável da desagregação social em relação à 'unidade integral’”.¹⁴ Dentro de sua visão, o cidadão seria encarado como uma expressão política, um objeto a ser manipulado pelo governo liberal. Por sua vez, este “cidadão, baseado no velho critério da Revolução Francesa, vê no Estado, apenas o representante comum dos indivíduos do país, nas relações exteriores, assim como o provedor das necessidades relativas aos serviços públicos, nas suas relações de ordem interna, com a sociedade nacional”.¹⁵ Este Estado estaria embasado na “soberania nacional”, que seria o sufrágio universal. Mas com o sistema liberal, controlado pelos interesses individuais, quem comandaria seriam os grupos dominantes, e a população apenas teria a ilusão de participação política.

A preocupação de Plínio Salgado com a democracia liberal era tão grande que dedicou dentro da sua coluna uma coleção de textos específicos sobre o tema, chamada “Federação e sufrágio”, que teve vinte e três edições, entre janeiro e fevereiro de 1932. Para se ter uma noção, foi a maior coleção sobre um mesmo título/tema em seu espaço editorial.

Dentro de sua lógica de pensamento, “Federalismo” e “Sufrágio” seriam os dois principais erros do liberalismo no Brasil, onde o primeiro marcaria a descentralização e a falta de coesão interna; o segundo garantiria o controle das oligarquias sobre a nação a partir de politicagem e de interesses de grupos regionais.

Das relações políticas dos governadores na República

¹⁴ Federação e sufrágio (XIII). In: *A Razão*: São Paulo, 17/1/1932, p. 3.

¹⁵ O cidadão e o Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 17/7/1931, p. 3.

Velha teria vindo a ruína do país e que teria acarretado na Revolução de 1930. Ou seja, desta “federação” de interesses regionais, calcados na corrupção das eleições e da troca de favores entre os governos regionais frente ao central.

A maneira como Campos Sales ordenou as forças eleitorais do país, para lançar a candidatura Rodrigues Alves, revela o sentido da política brasileira, que a Federação veio criar o que a sua continuidade veio agravar. Foi naquele instante que o presidente paulista lançou o primeiro punhado de pólvora, cujo acúmulo deveria explodir em 1930.

Estava lançada a política dos Governadores, que seria o rastilho para o predomínio de vinte sátrapas, que iriam dispor discricionariamente das forças eleitorais dos seus Estados.

Esses sátrapas acompanhariam os colegas que dispusessem dos maiores núcleos de populações votantes e o presidente da República requestaria a amizade e a aliança dos mais fortes.

Dessa maneira o chefe da nação perdia em autoridade o que adquiria em arbítrio e prepotência. Os excessos e abusos dos presidentes da República se originavam dos interesses dos presidentes de Estado aos quais eles se achavam ligados.¹⁶

Disto redundariam todos os problemas da República Velha e que ameaçariam retornar ao país, caso o governo revolucionário optasse pelo modelo federativo e baseado no sufrágio universal. Este pensamento liberal não apenas teria se arraigado na sociedade como também teria sido a base da ação das oligarquias durante a República. Toda a ação estaria embasada no manifesto do Partido Liberal, de 1869.

Como não poderia deixar de fora, Salgado analisa o sufrágio universal, considerado por ele “o cavalo de batalha da ala mais avançada dos liberais”.¹⁷ Assim, o voto, dentro de sua concepção, o liberalismo não traria a liberdade aos indivíduos viverem em sociedade, e seria apenas uma forma de controle e domínio por parte dos mais ricos sobre os mais fortes.

¹⁶ O cidadão e o Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 17/7/1931, p. 3.

¹⁷ Federação e sufrágio (XXIV). In: *A Razão*: São Paulo, 30/1/1932, p. 3.

Na conclusão desta série “Federação e sufrágio”, coloca o liberalismo como um pensamento retrógrado e fadado à destruição diante das duas forças que dominariam o mundo: a extrema esquerda e a extrema direita. De um lado, o comunismo e, do outro, o fascismo.

O mundo contemporâneo não admite senão duas interpretações dos destinos da sociedade. Ou ficamos com a tese de Karl Marx e adotamos o princípio do materialismo histórico e o processo de revolução social; ou ficamos na extrema direita, afirmando que o homem e a sociedade objetivam, através das contingências econômicas ideais superiores, de natureza intelectual, moral e espiritual.¹⁸

Para ele, o liberalismo seria um dos caminhos para se chegar à extrema esquerda.

Se ficamos na extrema esquerda, podemos usar dos processos liberais democráticos como simples instrumentos de uma evolução fatal que os golpes imprevistos poderão precipitar. Se aceitamos, em todas as suas conseqüências, o desenvolvimento, no campo da sociologia e da política, dos princípios do experimentalismo científico, traduzido no pragmatismo teórico que, em última análise, se reduz a um empirismo cego, então nesse caso, é melhor que arranquemos as mascaras, rasguemos a nossa bandeira, ridicularizemos o hino nacional, declaremos o Brasil uma simples província em perspectiva do imperialismo russo.¹⁹

Salgado apresenta o liberalismo como o grande responsável pelos problemas da sociedade, contudo, o sistema liberal enquanto estrutura política, estava fadado ao fracasso diante das duas grandes forças que considerava preponderantes no século XX: o comunismo (uma espécie de sucedâneo do liberalismo enquanto materialismo) e a reação

¹⁸ Federação e sufrágio (XXVII - conclusão). In: *A Razão*: São Paulo, 3/2/1932, p. 3.

¹⁹ Federação e sufrágio (XXVII - conclusão). In: *A Razão*: São Paulo, 3/2/1932, p. 3.

das forças nacionais, o fascismo (que seria uma resposta espiritualista às forças materialistas). Dos “escombros” do liberalismo, surgiria a guerra que colocaria frente a frente materialismo e espiritualismo.

2.2. Anticapitalismo

Antes de analisarmos o comunismo, gostaríamos de nos prender ao capitalismo. Seria aquele que permitiria a ação do liberalismo, de um lado, e, do outro, abriria espaços aos comunistas.

O capitalismo teria sido a força propulsora das forças materialistas através do individualismo, baseado na busca pelo lucro. A ambição levaria ao crescimento, não do homem, mas de um desenvolvimento material, que ao invés de gerar benefícios, criaria desigualdades entre os grupos sociais que compõem as sociedades.

Salgado muitas vezes apresenta uma vinculação entre capitalismo e comunismo, como expressões do materialismo. É comum ver nesses textos, ao tratar do capitalismo, citar o comunismo (mas raramente encontramos o contrário, textos sobre o “credo vermelho” comparando-o com o “credo do capital”). Como podemos conferir no exemplo abaixo:

A tese do capitalismo é tão execrável como a do comunismo. Ambas se fundam na grosseira finalidade da material da existência. Em geral, o capitalista não crê em Deus e não tem coração para avaliar as necessidades físicas, morais e intelectuais daqueles que a contingência dos planos sociais em que vivemos coloca sob seu domínio. O proletariado, também é ateu, e aprende de própria indiferença moral dos ricos, no livro aberto de uma sociedade materializada, a lição da impiedade, da crueldade em face do seu semelhante. [...]

A mentalidade capitalista e a proletária equivalem-se. São ambas materialistas. Ambas cruéis.²⁰

²⁰ A questão social. In: *A Razão*: São Paulo, 11/7/1931, p. 3.

Da oposição dessas duas mentalidades cruéis levaria aos conflitos de classe, dentro do próprio sistema. Porém, o capitalismo seria o mais fraco, acabaria por ser dominado pelo comunismo. “E como o capitalismo é o mais frágil por ser o mais insincero, mais contraditório, mais imbecil, nas suas atitudes, acabará por dominar o comunismo”. Por isto, deveria ser travado o combate ao capitalismo para evitar que ele permitisse o domínio comunista sobre as sociedades ocidentais.

Ao mesmo tempo, para ele, o capitalismo, diferente do comunismo, poderia ser “domesticado” e utilizado para servir aos interesses nacionais. Ver trecho a seguir:

Temos que criar uma concepção de Estado na altura das circunstâncias. Que resolva a situação do operário, em face do capitalismo. Que imprima ao capital uma finalidade nacional e o subordine a um processo de evolução compatível com os interesses sociais e nacionais. Que situe a autonomia dos Estados, de sorte a evitar choques permanentes entre as ambições regionalistas na política nacional. Que imprima uma orientação segura aos interesses da economia brasileira e ao decoro da Nação. Um Estado baseado na realidade.²¹

2.3. Anticomunismo

Como vimos no ponto anterior, o liberalismo em decadência abriria espaços para o comunismo, de um lado, mas por outro, estava cedendo para o fascismo. O comunismo, assim, ascenderia como principal inimigo a ser combatido. A diferença fundamental é que o liberalismo seria uma “colcha de retalhos”, sem uma base doutrinária definida, cujo único objetivo era o lucro, e, assim, sem coesão, pois cada pequeno grupo tentaria defender os seus interesses, colocando-os sempre acima dos coletivos. Por este motivo, as

²¹ A questão social. In: *A Razão*: São Paulo, 11/7/1931, p. 3.

forças espiritualistas facilmente derrubariam o liberalismo. Em relação ao comunismo era diferente, pois estaria embasado em uma doutrina política bem definida, cuja prática sempre se embasaria nesses princípios. Assim, o comunismo, para Salgado, era o inimigo primordial.

A revolução Russa, por exemplo, ainda em marcha, tem duas feições, a teórica e a prática. Os princípios de Marx e de Lenine são mantidos, como espinha dorsal do regime; tudo o mais são as formas que condicionam o desenvolvimento desses princípios. Quando triunfou o bolchevismo, Lenine compreendeu que era necessário fazer uma espécie de captação das forças nacionais e, ao mesmo tempo, dar possibilidades de estabilidade ao Estado Russo, afim de que dentro dele se fosse processando a revolução marxista. Isto não significa que os dirigentes da Revolução não saibam para onde devem ir. As divergências hoje naquele país existem em relação aos processos. Os debates entre Stalin e Trotski não é no tocante aos princípios, em que ambos estão de acordo. Existe o esquema doutrinário. Pode-se mesmo dizer que, de certo ponto de vista, o bolchevismo é um regime reacionário. E é reacionário justamente porque pretende pôr peias ao desenvolvimento normal da sociedade capitalista, condicionando-a no Estado. Por um lado, precipita a evolução social, transpondo estágios econômicos para chegar a forma adiantada do capitalismo de Estado; por outro paralisa o movimento de perpétua transformação a que obedece o senso materialista da evolução histórica, para cristalizar formas sociais prefixadas. Seja lá como for, o próprio comunismo traçou um programa, e tanto o traçou que possui uma constituição como qualquer país.²²

No trecho acima, podemos notar que dentro da perspectiva do autor, mesmo as divergências internas no comunismo não abalariam a sua ação, pois estaria sedimentada em uma base doutrinária sólida (diferente do liberalismo). Além disto, o comunismo cresceria por dentro

²² Teoria e prática das revoluções (III). In: *A Razão*: São Paulo, 25/12/1931, p. 3.

do sistema liberal, aproveitando-se de todas as suas falhas, para atingir o seu objetivo primordial de dominação mundial.

Tal postura torna-se evidente quando analisamos o texto “Do liberalismo ao comunismo”, em que Salgado apresenta a sua leitura de como o liberalismo abria espaços ao comunismo. Partindo de acontecimentos ocorridos na Espanha e usados como exemplo para demonstrar a sua posição.

A situação dos regimes de índole liberal-democrática é verdadeiramente insustentável em face das realidades contemporâneas. Ainda ontem num artigo publicado por esta folha, o Sr. Azaña, atual chefe do governo espanhol, incumbiu-se de assumir uma atitude tragicômica, que caracteriza a mentalidade de todos os democratas. [...]

O Sr. Azaña substituiu o Sr. Alcalá Zamora, por não merecer este a confiança dos partidos de extrema esquerda. Aquele sorriso otimista do presidente democrático, que afirmava, em resposta às observações dos próceres conservadores da Europa, achar-se o seu país imunizado contra os excessos extremistas, não podia satisfazer as alas vanguardistas do socialismo espanhol. No meio da confusão dos espíritos, após a proclamação da República, os responsáveis por esta conseguiram fazer triunfar, como expressão da soberania popular da Espanha, as mentalidades medíocres, que serviriam de pára-choques entre as pressões das esquerdas e a resistência das direitas parlamentares.²³

Dentro de toda a insegurança do regime democrático espanhol, embasado nos preceitos do liberalismo, as forças esquerdistas estariam agindo livremente, colocando em caos toda a sociedade, desde a queda da monarquia (aqui notamos que o autor pretendia estabelecer um elo entre os acontecimentos espanhóis e os brasileiros, “abrindo os olhos” dos seus leitores para o “fantasma do comunista”). Dos grupos de esquerda, os comunistas se sobressairiam devido

²³ Do liberalismo ao comunismo. In: *A Razão*: São Paulo, 2/12/1931, p. 3.

ao fato de ter uma doutrina a ser seguida (e aqui retornamos ao fato de os comunistas possuírem uma base doutrinária e os liberais não).

Cumprir acentuar que as correntes esquerdistas da Espanha possuem uma variada coloração, que vai dos liberais democratas, aos sindicalistas e anarco-sindicalistas, todas as forças manobradas pela superior inteligência e critério científico dos comunistas, que conhecem muito mais o sentido dos movimentos dialéticos das revoluções do que os líricos esquerdistas mascarados de liberalismo e de agnosticismo, que constituem a água de flores de laranjeiras, que jamais conseguiu aplacar a superexcitação nervosa das massas populares.²⁴

A Espanha no momento em que deveria fazer a escolha entre uma das duas doutrinas que dominariam o século XX, comunismo e fascismo, e afastando-se definitivamente do liberalismo decadente, estava fazendo exatamente o contrário, seguia o caminho liberal.

A Espanha, pois, em pleno século em que os povos mais civilizados estão discutindo noutro terreno, isto é, tratando de decidir aí deverão marchar definitivamente para o conservadorismo, para o Estado Integral, ou para o esquerdismo, para o Estado Econômico, parcial, que toma o homem e a sociedade, apenas sob aspecto de seus interesses materiais, a Espanha neste século de fortes realidades, tomou a posição que os outros países já tomaram há mais de cinquenta anos, e da qual estão hoje se retirando: a posição agnóstica, do liberalismo sem finalidade definitiva.²⁵

O caso espanhol servia de exemplo para que o Brasil, saído de uma revolução que havia deposto as oligarquias e retirado-as do poder, não retornasse ao caminho do liberalismo. Também, quando estivesse diante da escolha

²⁴ Do liberalismo ao comunismo. In: *A Razão*: São Paulo, 2/12/1931, p. 3.

²⁵ Do liberalismo ao comunismo. In: *A Razão*: São Paulo, 2/12/1931, p. 3.

entre materialismo e espiritualismo, deveria seguir a segunda.

Outra diferença fundamental que encontramos na leitura de Salgado sobre liberalismo e comunismo é no tocante aos indivíduos que seguem as duas ideologias. Os comunistas eram vistos como adversários mais valorosos do que os liberais, pois a sua ação estaria pautada em princípios doutrinários, enquanto os liberais teriam por objetivo apenas o lucro. Como podemos observar quando dedica uma de suas colunas a Luiz Carlos Prestes:

A figura de Luiz Carlos Prestes é dessas tão vigorosas, tão marcadamente varonis, que não se compreende que possam os adversários das idéias que ele prega agir com escrúpulos sentimentais [...].

Ninguém, no Brasil, pode agora dizer que está possivelmente iludido por ele, que o acompanha sem saber porque. Ele não é mais uma ameaça vaga. Para os marxistas, é uma esperança nítida, concreta; para os adversários dessas idéias, é o perigo, também nítido, concreto. Para uns, é o amigo, que não ilude; para outros, o inimigo, de viseira erguida. É, enfim, um homem. É uma figura respeitável, que não se deve tratar com sofismas e subterfúgios, com benevolências e benefícios magnânimos. Esta atitude da parte de seus julgadores não está de acordo com a estatura de Luiz Carlos Prestes.

Os grandes homens como Prestes, não admitem situações intermediárias. Ele não é um medíocre: é uma afirmação integral de caráter e varonilidade, que deve ser tratado, também, com afirmações integrais.²⁶

Apesar de vistos com respeito e combatidos pelos espiritualistas de forma aguerrida, os comunistas deviam ser temidos, embora seguissem princípios norteadores; estes não seriam embasados em valores morais, nacionais e religiosos, o que fazia deles, dentro da visão de Salgado, inimigos perigosíssimos. Os comunistas tanto por suas características quanto por suas qualidades, como forma de atuação, estariam

²⁶ Força contra força. In: *A Razão*: São Paulo, 8/8/1931, p. 3.

se inserindo na sociedade, dentro das próprias brechas abertas pela sociedade liberal. Porquanto o comunismo era o “temporal” que estaria se aproximando.

Enquanto se processa o jogo dos partidos e as comadres confabulam, ora armando conspirações, ora armando o castelo de cartas das alianças e dos corrilhos, o temporal se aproxima. Com a velha casa desmantelada, a política brasileira oferece a impressão de um estalar de vigas e traves, prenunciando o irremediável desmoronamento de uma sociedade corrompida. E a onda vermelha caminha, inexoravelmente. Caminha como um castigo sobre um país onde os responsáveis pelos destinos da Pátria perderam o senso do sadio nacionalismo.²⁷

Uma análise nos textos da “Nota Política” nos mostra que para o autor, o comunismo estaria se espalhando da mesma forma em todas as sociedades ocidentais, ainda organizadas nos moldes liberais (como no caso espanhol), seguindo uma mesma matriz: a URSS.

Na Rússia foi assim, e sucumbiram todos os partidos. E aqui também poderá acontecer a mesma coisa, pois ninguém ignora o vulto que vem tomando ultimamente na consciência das classes proletárias, da própria burguesia, da pequena burguesia principalmente, e até no espírito dos militares, a fascinação do credo vermelho.

Enquanto os partidos discutem, aproxima-se mais Carlos Prestes, e estabelece ligações com elementos que convivem com esses próprios partidos. Ursos e renas, amigos de agora, adversários de amanhã, serão devorados pelas vagas.²⁸

Em resumo, o comunismo seria a expressão máxima do materialismo, o grande mal a ser combatido. Para enfrentar esta ameaça que se colocava diante das nações ocidentais, apenas uma reação nacional e espiritual poderia

²⁷ A marcha dos “icebergs”. In: *A Razão*: São Paulo, 21/4/1932, p. 3.

²⁸ A marcha dos “icebergs”. In: *A Razão*: São Paulo, 21/4/1932, p. 3.

fazer frente. Diante disto, o fascismo e outras “soluções nacionalistas” eram a resposta espiritualista para evitar a “maré vermelha” que estaria corroendo a sociedade ocidental.

Assim sendo, Plínio Salgado estabelecia as bases de sua ação política, justificando como uma resposta nacionalista ao liberalismo em decadência e ao comunismo ascendente.

2.4. Fascismo, nacionalismo, integralismo e o Estado Integral

Plínio Salgado perguntou aos seus leitores “Para onde vamos?”, em determinado momento. “Para uma república democrática parlamentar? Para um regime republicano presidencialista? Para o fascismo, para o comunismo? Para um regime unitário ou para um sistema federativo? Para uma orientação socialista, ou um rumo capitalista? Para o liberalismo agnóstico, ou para o confessionalismo? [...] Para onde vamos?”²⁹ Esta pergunta baseava-se de um lado pela indecisão ideológica do Governo Provisório de Vargas, e do outro pelo fato do autor preparar as bases de um “novo” modelo político, através das páginas do jornal *A Razão*.

Para ele, a luta entre materialismo e espiritualismo, corporificada pela oposição entre comunismo e os regimes nacionalistas, estaria baseada não em democracias, mas em regimes de força, ditaduras. O mundo “moderno” não admitiria situações intermediárias.

A Europa nos oferece hoje três tipos de ditadura. Todos os três fundamentados num conceito muito claro, muito definido de Estado. Todos os três justificando doutrinariamente a soma de poderes que se enfaixem nas mãos do Ditador.

Essas três expressões do governo são: a Rússia, a Itália; e Portugal. Entre as duas últimas estão as ditaduras mais ou

²⁹ Teoria e prática das revoluções (III). In: *A Razão*: São Paulo, 25/12/1931, p. 3.

menos assemelhadas de outros países. Todas, entretanto, com base ideológica. Todas criando um alicerce em que se esteiam as leis emanadas do Chefe da Nação, isto é, a concepção de Estado e do Governo.

Já Benito Mussolini afirmou, e é verdade, que não se compreende um povo que viva sem um estatuto consubstanciador do pensamento político que o dirige. E, realmente, assim é. Por isso todas as ditaduras dos países civilizados se apóiam hoje em dia num corpo de idéias mediante o qual são apreciados todos os problemas de ordem política e técnica.³⁰

A força comunista só poderia ser combatida pelo nacionalismo. Estas forças deveriam ser regidas por uma liderança competente, sendo este um líder que fosse o representante de todos os valores sociais, morais e religiosos (no caso nacionalista), e, portanto, respeitado dentro de um princípio de disciplina (princípio da hierarquia – culto ao líder).

O fascismo italiano teria sido a primeira reação das forças nacionais contra as forças do materialismo. Para Salgado, a Itália era uma nação que inspirava e devia ser um exemplo a ser seguido. Este país, sob o “manto” do fascismo, corporificava em si as glórias do passado romano, tanto espirituais quanto materiais, e com isto abria as perspectivas para o futuro. A partir do exemplo italiano, começariam a surgir em outros países as reações nacionais às forças nacionalistas. Como era o caso português, que seria muito semelhante ao caso brasileiro (dentro da visão de Salgado).

A República Portuguesa esgotou-se no delírio do liberalismo, que multiplicou as revoluções, as intencionas, as desordens; que fez deflagrar no seio do parlamento todas as competições estreitas dos partidarismos sem idéias nem programas; que alienou a política pessoal e caudilhesca e que terminou pela instabilidade de todos os governos. O sistema parlamentar,

³⁰ Tipos de ditaduras. *A Razão*: São Paulo, 1/9/1931, p. 3.

num país sem correntes de opinião nitidamente definidas segundo pensamentos doutrinários exatos, só pode redundar num tumulto de idéias, na baixa do nível intelectual das assembléias nacionais. Pouco a pouco, Portugal foi chegando à mesma situação a que havíamos chegado no Brasil, de lutas eleitorais em torno de interesses locais e distritais.³¹

Através de um regime de força, Portugal tinha conseguido se livrar dos problemas que também assolariam o povo brasileiro.

Mas não faltou à gloriosa nação o grande instinto que salva os povos superiores nos momentos críticos da sua história. E quando todo o mundo vai sendo solapado pelo “mal da liberdade”, que aproveita aos fortes e aos exploradores das crises, em detrimento do princípio da autoridade nacional e das massas trabalhadoras, operou-se na terra dos nossos maiores um movimento de saúde e de energia. A ditadura Carmona começou a realizar o seu plano de salvação nacional. E o sr. Oliveira Salazar iniciou a sua obra notável de reconstrução econômico-financeira.³²

Outro exemplo seria a Alemanha com a ascensão do nacional socialismo, superando o liberalismo da República de Weimer e opondo-se abertamente ao comunismo. Para o autor,

Entre esses dois campos de tendências da humanidade de hoje, está a corrente intermediária, que é o nacional socialismo. Nesta corrente, é traçada ao homem, não somente uma finalidade espiritual, nem uma finalidade material, mas uma finalidade nacional [...].

O nacional socialismo, desde que mantenha firmemente o seu papel de integração de todas as forças nacionais no Estado, tende a harmonizar a situação econômica dos povos com a sua finalidade espiritual. E é por isso que quer fazer do Estado a síntese das realidades econômicas, religiosas, culturais e

³¹ Democracia e nacionalismo. In: *A Razão*: São Paulo, 12/12/1931, p. 3.

³² Democracia e nacionalismo. In: *A Razão*: São Paulo, 12/12/1931, p. 3.

artísticas. O Estado, para o nacionalismo bem compreendido, é um instrumento de expressão dos elementos essenciais constitutivos dos povos.³³

Para ele, esta influência ou inspiração não estaria em antagonismo com uma perspectiva nacionalista.

Não se compreende uma política baseada exclusivamente nas realidades brasileiras, tomadas essas como causa e efeito. E não se compreende também uma política firmada exclusivamente numa série de idéias abstratas, sem consciência com os fenômenos ambientes.

O próprio nacionalismo, que seria, originando-se exclusivamente das realidades, uma conseqüência vaga e transitória, pode levar a erros, os mais lamentáveis, se ele não constituir um meio e pretender firmar-se como finalidade despótica.³⁴

De acordo com Salgado, o nacionalismo deveria nascer de um cultivo à memória do passado dessa sociedade (vide caso italiano citado anteriormente), tornando o culto um elemento de agregação social, algo que convergisse à coletividade.

Não é verdade que os povos em decadência sejam aqueles que cultuam a sua história e os heróis do seu passado. Muito ao contrário, a decadência dos povos se assinala pelo esquecimento das tradições nacionais. São exatamente os povos mais fortes e em pleno desenvolvimento os que mais cultivam a memória dos seus antepassados e os episódios que marcam as sucessivas etapas da sua vida coletiva.³⁵

Entretanto, no Brasil, as forças do materialismo teriam atacado o sentimento nacionalista, fato que colocaria em risco a própria sobrevivência da nação brasileira, caso não houvesse uma reação nacional.

³³ Posição social-democrata. In: *A Razão*: São Paulo, 29/9/1931, p. 3.

³⁴ Realidades e finalidades. In: *A Razão*: São Paulo, 15/9/1931, p. 3.

³⁵ As fontes do espírito nacional. In: *A Razão*: São Paulo, 19/11/1931, p. 3

O nosso Brasil (e para este fato chamamos a atenção da mocidade civil e militar) está sofrendo o desprezo dos seus filhos. Assistimos à decadência, cada vez maior do sentimento de Pátria. Esse sentimento está hoje entre dois fogos impiedosos: o regionalismo e o internacionalismo.

Entre nós, quem não puxa a brasa para a sua província é porque está embriagado pela cocaína de Moscou.

O brasileiro já não ama mais o Brasil. Ou está encharcado pelas teorias comunistas que ridicularizam o sentimento nacional, ou está superexcitado pelos ressentimentos ou pelos entusiasmos locais, que coloca acima dos interesses da Pátria, que ele renega.³⁶

A única saída encontrada por Salgado seria uma reestruturação da nação em torno da coesão nacional, que objetivaria salvar o Brasil dos inimigos internos e externos.

O único remédio é a disciplinação das forças sociais; a coordenação harmoniosa das forças produtoras; o superamento pelos interesses da Nação Total, de todos os interesses de províncias, de classe e de indivíduos. Integrar no Estado Brasileiro todas as suas forças morais e materiais. Impôr diretrizes claras, francas, decisivas, corajosas, a esse povo de boa índole, generoso, trabalhador, que só está a espera de uma elite dirigente na altura de compreender as realidades do país e do mundo.³⁷

Outrossim, necessitaria de um governo ditatorial, que conduzisse a sociedade brasileira ao “caminho certo” do espiritualismo embasado na “pureza do nacionalismo”. Um governo que se obrigasse a ser forte e constituído de idéias “integrais”.

Os governos fortes só podem ter base em idéias, em programas de idéias claramente expostas à Nação. Essas idéias tem de ser integrais. Devem abranger a própria natureza, a finalidade e o

³⁶ Federação e sufrágio (XXVII - conclusão). In: *A Razão*: São Paulo, 3/2/1932, p. 3.

³⁷ Federação e sufrágio (XXVII - conclusão). In: *A Razão*: São Paulo, 3/2/1932, p. 3.

progresso de formação, de expressão e de funcionamento do Poder Público.

Não se compreende uma ditadura sem a concepção total da sua essência e das suas diretrizes.

Na hora atual, o Brasil precisa de um período de dilatada ditadura. Pelo menos até que o povo resolva interessar-se pelas idéias políticas, pois até agora só se está interessado pelos homens políticos. Enquanto durar essa indiferença, dos brasileiros pelas questões fundamentais que se relacionam com o seu próprio destino, precisamos de uma ditadura que possa tutelar um povo sem consciência de seus interesses [...].

Precisamos de uma ditadura baseada numa essência doutrinária, coadjuvada pelos estudiosos, técnicos, especialistas nos assuntos nacionais.³⁸

Um governo ditatorial seria o responsável por salvar a nação, libertando-a de todos os problemas materiais.

Realizar sobre os desastres nacionais para os quais caminham os partidos, o Estado Brasileiro nacionalista e integralista, não embriagado com falsos liberalismos e deletérias democracias; não envenenado de ambições facciosas ou regionais; mas o Estado expressivo dos que produzem, dos que trabalham, dos que pensam, dos que sabem renovar-se para salvar a Nação. É a Revolução que vai começar.³⁹

Aí entra o papel fundamental do jornal, que seria responsável por transmitir aos leitores as bases da ideologia integralista.

O espírito conservador e nacionalista desta folha não nos permite – sabem-no todos os que nos lêem – aplaudir a manutenção de uma Ditadura sem a condicionamento ideológico, sem uma doutrina claramente exposta, sem rumos econômico-sociais, morais, culturais e políticos clara e definitivamente assentes como base da construção integral da Nacionalidade [...].

³⁸ A ditadura. In: *A Razão*: São Paulo, 10/12/1931, p. 3.

³⁹ O esboroamento dos partidos. In: *A Razão*: São Paulo, 22/4/1932, p. 3.

O nosso ponto de vista é doutrinário. Como doutrina, pregamos uma concepção integralista do homem e da sociedade. Como integralistas, aspiramos uma Nação unida e forte.⁴⁰

Mas é interessante notar, no trecho citado acima, a noção da “missão” do jornal como instrumento para a doutrina integralista. A partir desta concepção “integralista”, Salgado vai pregar uma nova visão de Estado, que posteriormente será denominado de “Estado Integral”.

O que viria a ser este Estado e como ele iria se organizar?

Diferente do liberal, mínimo e não intervencionista, o novo Estado deveria intervir e guiar todas as esferas da sociedade, controlando deste modo os rumos da nação. Seria um Estado que exerceria o seu poder “na maior órbita possível”. Aquele que “discipline e oriente as forças vivas da nacionalidade”. Também seria o responsável pelo “controle sobre as relações entre Capital e o Trabalho”.⁴¹

Acima de tudo seria um Estado forte, que garantiria o controle social e o poder entre os interesses individuais e coletivos.

O Estado como força suprema interveniente nos rumos e finalidades sociais. O Estado que, garantindo a propriedade e a iniciativa privada, saiba demarcar os limites do exercício das liberdades individuais, segundo os interesses gerais e nacionais [...].

O Estado que defende o Indivíduo contra a Sociedade e defenda a Sociedade contra o Indivíduo; que realize a harmonização de todos os elementos humanos de que se estrutura um país, que seja o impositor do equilíbrio, o mediador máximo, o juiz e o orientador.⁴²

⁴⁰ Registro. In: *A Razão*: São Paulo, 25/2/1932, p. 3.

⁴¹ A verdadeira concepção de Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 4/9/1931, p. 3.

⁴² A verdadeira concepção de Estado. In: *A Razão*: São Paulo, 4/9/1931, p. 3.

Tal organização estatal, estruturada “como uma expressão das aspirações essenciais e integrais do homem”, seria capaz de trazer a verdadeira liberdade. Depois que conhecesse esta concepção, a população brasileira não iria querer mais a velha mentalidade liberal, e sim a voz de comando que o levaria até o Estado ideal, “Integral”.

Apontamentos Finais

No final da década de 1920 quando Plínio Salgado rompeu com o Partido Republicano Paulista (PRP) deixou claro sua insatisfação com a agremiação. Entre os pontos de discordância estava o fato de que o PRP utilizava amplamente a repressão contra a população ao invés da construção do consenso. Para Salgado era inconcebível que um partido que tinha um dos maiores jornais de circulação no país – o *Correio Paulistano* – lançasse mão da violência sem ao menos se dar ao trabalho de conquistar a simpatia da população. Plínio Salgado desde jovem teve contato com poder da imprensa, tanto que aos vinte e um anos fundou seu primeiro jornal – *Correio de São Bento* – e na década de 1920 chegou a ser redator do *Correio Paulistano*.

Ao retornar de sua viagem para a Europa, influenciado pelas ideias fascistas de Benito Mussolini, resolveu fundar um partido de orientação fascista no Brasil. Para isso, utilizou como ferramenta para a difusão ideológica a imprensa periódica. O jornal *A Razão* foi o útero para a concepção do que viria ser a Ação Integralista Brasileira através da coluna editorial *Nota Política* de Plínio Salgado. Tanto os pontos básicos da ideologia integralista – antiliberalismo, anticomunismo, anticapitalismo, simpatia pelos regimes fascistas europeus e nacionalismo exacerbado – foram definidos na *Nota Política*. Ao mesmo tempo, com a ideologia em formação Plínio Salgado passou a estabelecer contatos com outros partidos e grupos proto fascistas, além

de criar a Sociedade de Estudos Políticos (SEP).

Com o levante paulista de 1932 o jornal *A Razão* foi “empastelado” e o lançamento formal do movimento concebido por Plínio Salgado foi adiado. Ao final do conflito, em outubro de 1932, Salgado publicou o manifesto que fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB). Dentro da AIB a imprensa teve um papel de grande destaque, sendo a principal arma de difusão ideológica e expansão do integralismo. O movimento criou uma grande rede de imprensa, tendo como modelo o jornal *A Offensiva*, que seguiu os mesmos moldes de *A Razão* e tendo como ponto principal uma coluna editorial assinada pelo então Chefe Nacional, Plínio Salgado.

Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. *Jornal História e Técnica*, Santos: Livraria Martins Editora, 1967.

BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Schimdt, 1933.

BERTONHA, João Fábio. *Sobre a direita. Estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá: Eduem, 2008.

_____. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo, Ática, 2005.

_____. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo*. Jaboticabal: Funep, 2010.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista Brasileira no Maranhão*. São Paulo: Anna Blume, 1999.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSP, 1999.

CRUZ, Natália dos Reis. *Integralismo e a questão racial*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

GONÇALVES, Leandro Pereira; Parada, Maurício B. Alvarez (Orgs). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos, Nacional Sindicalismo,*

Nazismos, Fascismos. Recife: Editora da UFPR, 2010.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. In: *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, 2002, p. 59-71.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *O inimigo mortal do sigma: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira*. Rio Grande: Pluscom, 2011.

PAYNE, Stanley G. *Historia del fascismo*. Barcelona: Editorial Planeta, 1995.

SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1933.

_____. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Psicologia da Revolução*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1935.

SILVA, Giselda Brito (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora UFRPE: 2007.

SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício. (Orgs.). *Histórias da Política Autoritária: Integralismos, Nacional Sindicalismo, Nazismo e Fascismos*. Recife: Editora UFRPE, 2010.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974.

VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Recebido: 04/08/2016

Aprovado: 07/10/2016

